Reis do Ódio Mendigos no Amor: Considerações Psicanalíticas sobre a Política Atual

Isabel Mesquita[1]

Desta vez não me pediram para falar de amor, como é habitual, ou talvez sim - para falar da falta dele.

Começo por parafrasear o Dr. António Nobre que diz que o mundo precisa de cuidados intensivos e paliativos. Vivemos tempos de perversa crueldade, onde a mente não impera, (há uma espécie de menticídio) onde a contenção dá lugar à acção e o pensamento se rege pelo princípio primário, num movimento destrutivo e sem direcção, como um *tsunami* mental que não olha a meios para atingir um fim, o qual paradoxalmente, nem o próprio sabe qual é.

Vivemos rodeados por "cabeças mal- feitas", para oposição ao termo "*cabeça bem-feita*" de que nos fala Edgar Morin, cabeças mal- feitas que se esforçam cada vez mais por falsear e mentir, nutrindo-se do engano próprio e aos outros. Essas cabeças mal feitas, possuidoras de uma inteligência emocional míope, ou diria até de uma inteligência artificial que ilude saber tudo, absente de dúvidas com o poder de falsear tudo, que dessubjectiva o outro, coisificando-o. Cabeças mal-feitas essas, destituídas de qualquer emoção ou sentimento bondoso, onde o único afeto que liga é uma agressividade exterminadora e não generativa, embora muitas vezes seja apresentada de forma enganadora, como se essa agressividade que se apresenta como ódio por uns, fosse colocada de forma generativa a favor de outros. Sabemos, no entanto, que não é, que é um embuste perverso, porque a pulsão generativa tem sempre de implicar um equilíbrio saudável entre uma função introjectiva e de cuidado com o indivíduo e a relação e cuidado com a comunidade no seu todo. Assim, a salvação de uns nunca pode ser à custa da aniquilação de outros, esta polarização *esquizo-paranoide*

[1] Professora na Universidade de Évora e Psicanalista Didacta AP
isamesqui@gmail.com

– ou um ou outro, ou o bem para uns à custa da anulação de necessidades de outros –, denuncia um funcionamento mental muito primário, precário de desenvolvimento emocional e paralisado no que respeita a humanidade.

São dinâmicas de poder e aniquilação, que se instituem cada vez mais, de domínio e aniquilação, e mais além das dinâmicas deo domínio e subjugação.

Uma sociedade saudável deve assentar em pilares tais como, a solidariedade e a confiança, o que se vai perdendo cada vez mais, desvaloriza-se o compromisso e enfraquece-se a lealdade, os vínculos são precários alicerçados numa exposição à superfície que para a sua manutenção, necessita de uma distância de segurança, nem muito próximo nem muito distante, com uma intimidade estéril.

Sabemos que é o contacto com o outro, o diferente, que impede o fanatismo e o pensamento totalitário. É, é o contacto com o outro que expande, que nos coloca no caminho da transcendência, e que ajuda a lidar com a frustração., Oo sujeito que acolhe o outro com as suas ideias contrárias tem de ter capacidade de espera e de gerência da frustração que causa o confronto entre verdades. A verdade individual só adquire sentido no encontro com a alteridade. A minha verdade só existe dentro de mim porque quando entra em real relação com o outro ela pode ser modificada, é aqui que nos desenvolvemos, caso contrário o sujeito afoga-se em si próprio, a desconfiança alastra e a sociedade enlouquece.

Mas, estas relações assentes em vínculos precários, cumulativamente com a insegurança que se vai conhecendo no mundo, com os movimentos polarizados, a difusão da mentira e da pós-verdade, fomentam os temores de intrusão massiva, de perda da identidade - e é assim, que os outrosaqueles que falam outra língua, os que têm outros costumes e valores, precipitadamente, se tornam numa ameaça ao frágil *self* que procura avidamente segurança num exterior poderoso rigidificado, iludindo segurança, domínio e poder.

Estamos numa era em que não interessa o conteúdo do que é dito, mas a emoção que se revela no que é dito! A verdade compete em desvantagem

com a mentira, e a vergonha onde está? A vergonha enquanto regulador interno que deve surgir quando há um atentado à verdade, essa, não tem "likes" e não é "instagramávelinstamagrável", por isso desapareceu, ou talvez esteja travestida de omnipotência!

Mas o que acontece quando a mentira alastra? A segurança abala, prolifera a desconfiança, deixamos de saber no que acreditar e em quem confiar, o caminho defensivo é o do encerramento em si próprio, e assim se adoece.

Questiona *Adolfo Mesquita* no seu último livro Aalgoritmocracia: "*Que tipo de sociedade começamos a ser quando desconfiamos de tudo de uma maneira tão profunda?*".

Eu respondo: desenvolve-se obsessão pelo inimigo, o pensamento torna-se persecutório porque o medo se amplifica e a suspeição permanente potencia condutas paranoides, tornamo-nos uma sociedade psicótica, onde domina a arrogância, num permanente ataque à *função alfa* - a que produz pensamento. Os vínculos que ligam - os do Aamor *(L)* e do Cconhecimento *(K)* - são permanentemente combatidos, há um atentado às conexões que promovem significado. É e é deste modo que se perde o acesso ao simbólico, a concretude mental dissemina-se e instala-se, e o pensamento dá lugar à omnipotência.

Assim se criam "heróis do mal", que destilam raiva, que pervertendo o conceito grego de enteógeno – procura do divino dentro de nós - transformam-no em o "divino sou eu", ou até para além disso, numa ilusão omnipotente, surge um novo complexo - "acima de Deus, só eu!", que parece ser protector, mas que se apresenta como protector de uns e atacante de outros., Aacentuando-se clivagens e, fomentando fomenta-se polarizações, que sem o acesso à ambivalência, só reforçam medos e angústias paranoides, onde a parte psicótica da mente com a sua desconfiança e arrogância, transpira inveja e raiva narcísica. Estes, têm nos seus seguidores uma espécie de parasitas mentais, absentes de uma mente com pensamento reflexivo, com uma leitura assimbólica do mundo e onde passa a predominar uma equivalência psíquica que se traduz pelo lema -– "o mundo é como eu o vejo".

Difunde-se o populismo que se apresenta com emoção e concretude, o que excita quem está vazio e distante das suas emoções e do seu pensamento. Quanto mais distantes do nosso mundo emocional e fantasmático, do interno, quanto menos em sintonia com a nossa essência, mais somos marionetas, basta alguém "puxar um cordelinho" para nos entusiasmarmos e "ganharmos vida", e é assim que o populismo ganha força. O populismo acentua a falha, a falta de reconhecimento, potencia a inveja porque coloca de um lado os que têm e do outro os que estão em desvantagem, e incita à indignação e expressão da revolta, dá liberdade à raiva narcísica.

Com o sujeito dessubjetivado, distante de si, abalado no que é a sua identidade, há como que uma diluição do *self*, o qual fica perdido no meio de jatos de informação superficial e conteúdo sem conteúdo algum, que o esvazia ao mesmo tempo que o excita. O individuo dessubjetivado, procura-se em algum lugar, a todo o custo, mas a partir de fora, a partir de uma colagem ao outro/s, numa confusão entre o real e o simbólico, o sujeito desnarcizado e devitalizado quer aquele que o reconhece, que parece espelhá-lo, e que fala por ele, que promete lutar por ele. É a transferência idealizadora que se traduz em: "estou ligado a este que idealizo e que me protege". Mas, o que os une não é um ideal para a nação, mas sim a pertença a um grupo onde a raiva narcísica é expressa, tem espelho, está agora empoderada e pode ser posta em ação contra os que inveja.

Assim, a técnica consiste em cancelar o outro, não se discute os seus argumentos, mas procura-se a desnarcização e a aniquilação. Impera uma logica-lógica narcísica - ou comigo ou contra mim, sem margem intermédia, essa, a que possibilitaria a reflexão e o encontro, portanto promove-se a discordância, a clivagem psicótica está na ordem do dia.

Não se iludam!, A preocupação não é com os outros, com a sociedade, com os portugueses, com a nação, mas sim com o poder próprio, os outros apenas são espelhos com função reflectora da grandiosidade almejada pelo próprio – uma grandiosidade assente numa omnipotência desmedida, desajustada, arcaica, esmagadora da própria inferioridade e aniquiladora do outro. Mas o

perigo está nestas situações em que se procura uma validação dos impulsos odiosos destrutivos e aniquiladores de uns. O que se almeja é o espelhamento nos outros, dessas partes odiosas.

A coisificação do outro, o outro destituído do seu lugar de sujeito com emoções sentimentos e necessidades, denuncia a dificuldade em integrar partes do próprio que nunca encontraram acolhimento e cuidado interno e por isso devem ser colocadas à distância, dissociadas, e seguidamente atacadas porque são inaceitáveis. O outro, o estranho, o diferente, o frágil, o que necessita – ou seja, aqueles que se colocam num grupo designado por minorias – remetem, nestas cabeças mal-feitas, para as porções do *self* que são inaceitáveis, que estão dissociadas e descontinuadas, alocadas nesses outros tidos como frágileis, necessitados, e assim se negam necessidades próprias. O *ego*, julga assim, engrandecer-se ao "engolir" os outros, destruir as fragilidades, como se, desse modo, iludisse um engrandecimento majestoso, fica agora no lugar do rei poderoso, mas na sua essência está um mendigo sem amor, pelo próprio e pelo outro, dependente do odio e do poder de destruição. É assim que a pulsão generativa é calcada por uma pulsão destrutiva, a qual se engrandece na coisificação, humilhação e destruição do outro.

A questão é que numa sociedade onde a fragilidade não é instamagrável, onde o que se mostra é um falso *self* com artifício grandioso, sustentado à conta de supostas validações exteriores, quando os vínculos se precarizam e parece não haver ninguém confiável a quem se possa confessar as dores e as vulnerabilidades, onde não existem contentores e lugares de relação viva e criadora, então abre-se o caminho para a expressão da frustração que rapidamente se liga ao ódio porque este se apresenta como mais poderoso, e aparentemente, capaz de suplantar as sentidas inferioridades e vulnerabilidades transplantadas para os outros.

Os que estão a mais, os que tiram, esses outros, são muitas vezes o espelho do insuportável infeliz que há em cada um de nós, e que tem de ser aniquilado. Usam-se, então, mecanismos de perversão que se apresentam como pós- verdade, deturpação dos factos, sem vergonha ou qualquer capacidade de contac-

to com falhas., Aapresentam-se como intocáveis e, com couraças maquilhadas com desfaçatez.

Aparentemente, o discurso odioso, de destruição do outro que tira, parece iludir a uma gratificação rápida, parece ter implícito a promessa de dar tudo o que o próprio deseja, com pouco esforço, e este é o desejo de um *eu* pouco desenvolvido e de um *self* com pouca capacidade de espera e de manejo da frustração. Por outro lado, o discurso odioso, unifica a vingança face a todas as frustrações relativas a necessidades não correspondidas, sejam elas reais ou fantasiadas.

Perante esta realidade surge um problema é que o pensar enquanto um acto de criação, falta cada vez mais, na ausência do vínculo *K* e de *L*, de Cconhecimento e Aamor, é o vínculo do Ódio que liga, mas precariamente, porque não tendo implicado conhecimento, reflexão, nem amor, não perdura.

Uma certeza temos,Acreditamos que o ódio não é generativo, porque não cria nada e, por isso, não consegue subsistir, ele morre e definha o próprio que o destila.

Referências bibliográficas

Bion, W. R. (1962). Learning from experience. Heinemann.

Bion, W. R. (1965). Transformations: Change from learning to growth. Heinemann.

Bion, W. R. (1967). Second thoughts: Selected papers on psycho-analysis. Hei

Morin, Edgar. (2023) .*Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento – A cabeça bem feita*. Piaget pub.